

# REPRESENTAÇÕES DA MULHER GUINEENSE NAS OBRAS ETERNA PAIXÃO E A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA

*Luciene Rocha dos Santos Cruz*

*Orientadora: Renata Flavia da Silva*

Mestranda

**RESUMO:** A presente pesquisa pretende detectar e analisar os aspectos da representação da mulher guineense, observados através de duas obras do escritor Abdulai Sila: *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006). Destacam-se nesses romances registros de transformações que ocorreram na sociedade guineense na fase colonial e pós-colonial, e que sobressaltam a batalha da autoafirmação da mulher africana da Guiné-Bissau. Vale destacar que estas personagens conciliam a herança e/ou influência da cultura portuguesa com suas raízes africanas e, assim, teríamos uma — “nova mulher guineense”: aquela que não está presa totalmente na sua cultura ancestral porque absorveu características da cultura portuguesa, como também abandona alguns traços da sua cultura autóctone, já que estes não se encaixam na sua atual conjectura de vida. Dessa forma, como são simbolizadas as mulheres na sociedade guineense? Em que consiste os preceitos do Africana Womanism, de Cleonora Hudson-Weems? Poderíamos afirmar que as representações das personagens femininas a serem estudadas apresentam traços ideológicos do Africana Womanism? Portanto, a pretensão é tentar responder as perguntas supracitadas, tentando estabelecer relações entre representação/gênero/classe/raça. Como fundamentação teórica, esta pesquisa se baseará nos estudos de Augel (2007), no que refere ao contexto histórico e social do país. Sobre representação, nos sustentaremos nos estudos de Hall (2001) e sobre o Africana Womanism, estaremos pautados nas análises de Hudson-Weems (2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Guineense, Representação da Mulher, Africana Womanism.

É sabido e indiscutível que existem uma gama de estudos de gênero que se dedicam a entender a representação da mulher no mundo ocidental, principalmente no que tange a questões culturais, sociais e psicológicas. De acordo com Butler (2014), desde a segunda metade do século XX, questões sobre a identidade feminina têm sido trazidas à pauta, no intuito de se discutir como a mulher é vista mediante a sociedade em que vive. Contudo, a maioria dos estudos sobre a identidade feminina, segundo Haraway (2004), está relacionada a mulheres americanas (brancas) e europeias e por isso, apresentavam “tendências etnocêntricas e imperialistas” (HARAWAY, 2004, p.10). Assim, generalizar e expandir essas análises a todas as mulheres é um erro, posto que a identidade feminina muda de acordo com a realidade na qual se vive, e isso quer dizer que, por exemplo, a realidade da mulher europeia (não colonizada e não negra) é completamente diferente da mulher africana, posto que, além de ser mulher e negra, esta também foi colonizada. Assim, Haraway (2004), afirma:

O poder universalizante do sistema sexo-gênero e a ruptura analítica entre o público e privado foram também agudamente criticados politicamente, particularmente pelas mulheres de cor, como parte das tendências etnocêntricas e imperialistas dos feminismos europeus e euro-americanos. A categoria gênero obscurecia ou subordinava todos os outros “outros”. Os esforços para utilizar conceitos ocidentais, ou “brancos”, de gênero, para caracterizar a “mulher do terceiro mundo” frequentemente resultaram na reprodução do discurso orientalista, racista e colonialista. (HARAWAY, 2004, p.10).

Entretanto, ainda de acordo com Haraway (2010), a partir dos anos 80, começa a haver uma mudança, uma vez que se inicia uma produção teórica feminista em diversas outras culturas, não somente a americana (branca) e europeia, tais como os estudos de Spivak (2010), que analisam a realidade da mulher e cultura da indiana; como também Lucía Guerra (1995), que traça a história cultural da identidade feminina na América do Sul; as pesquisas de Alice Walker (2011) e de Angela Davis (2016) representando as mulheres negras americanas e Cleonora Hudsson-Weems (1997) que, apesar de ser americana, traz a ideologia do “Africana Womanism”, que se baseia na cultura africana e, portanto, necessariamente, se concentra nas experiências únicas de luta, de necessidade e dos desejos das mulheres africanas, tanto na diáspora quanto na própria África. Esses exemplos são uma tentativa de

incluir diferentes realidades culturais, desestruturando os cânones do feminismo ocidental europeu-americano. Haraway (2010) destaca um exemplo:

Carby mostrou como no Novo Mundo, e particularmente nos Estados Unidos, as mulheres negras não foram constituídas como “mulher”, como o foram as mulheres brancas. As mulheres negras foram simultaneamente constituídas, racial e sexualmente - como fêmea marcada (animal, sexualizada, e sem direitos), mas não como mulher (humana, esposa potencial, conduto para o nome do pai) - numa instituição específica, a escravidão, que as excluía da cultura definida como a circulação de signos através do sistema de casamento. (HARAWAY, 2004, p.10).

Assim, de acordo com Haraway (2010) no exemplo citado, percebemos que a condição de escrava fez com que a mulher negra americana não fosse considerada mulher, e sim, como fêmea sexualizada e sem direitos. Portanto, o exemplo corrobora com a premissa de que a questão de gênero/raça/classe determina a identidade e a realidade de uma pessoa mediante a sociedade na qual ela vive e essas diferenças devem ser levadas em consideração, não havendo possibilidade de generalização no que se refere à representação feminina.

Segundo Bonicci (2012), citando Petersen (1995), no que tange às diferenças entre o feminismo ocidental e o feminismo africano, nota-se que há uma divergência entre as questões a serem discutidas: enquanto o feminismo ocidental preocupa-se com a questão da igualdade e emancipação da mulher, os teóricos africanos buscam mais a luta contra o neocolonialismo em seu aspecto cultural e resgate do passado. Bonicci (2012) é taxativo:

Diante da degradação e aniquilação às quais o colonialismo europeu relega a história e a cultura africana, tal posição se insere no contexto da preocupação de mostrar que o passado africano tem sido complexo, digno e ordenado. Portanto, a dignificação do passado e a restauração da confiança dos africanos em si mesmo assumem predominância sobre temas feministas. (BONICCI, 2012, p. 178)

Dessa forma, ainda de acordo com Bonicci (2012), há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo, principalmente porque o objetivo destes dois discursos é o ajustamento da mulher marginalizada à sociedade, e no caso das mulheres africanas,

permitem que haja uma reflexão sobre sua realidade e seu lugar dentro da sociedade em que vivem. Sobre essa questão, Bonicci (2012), ressalta:

Quando se analisam os objetivos do pós-colonialismo e as teorias feministas, observam-se uma fase primitiva/ingênua e outra madura/crítica. Tal como acontece no início da consciência pós-colonialista, na primeira fase o objetivo é a recolocação da mulher marginalizada, desafiando o patriarcalismo hegemônico e a inversão das estruturas de dominação pela colocação das tradições femininas no lugar do cânone predominantemente masculino. A fase mais madura tem vários objetivos [...] reconstrução do cânone literário; construção de uma teoria feminista [...]; subversão da forma literária patriarcal; o questionamento dos princípios básicos dos sistemas dominantes da linguagem e do pensamento. (BONICCI, 2012, p.176)

Apesar de haver um avanço sobre os estudos feministas relacionados às mulheres de culturas diferentes da europeia e americana, ainda são poucas as pesquisas a respeito das mulheres africanas. Em contrapartida, a literatura apresenta-se como um instrumento que retrata a vida e o cotidiano da mulher africana, auxiliando assim na compreensão dessa realidade. Portanto, partindo do pressuposto de que a literatura pode ser considerada como um produto de um processo histórico, conforme alega Gramsci (1985), ou seja, ela é capaz de representar e descrever a realidade, podemos utilizá-la para compor um cenário da vida real, já que de acordo com Lukács (2000), é possível haver uma relação entre um romance e o contexto social no qual ele é escrito, visto que “as categorias estruturais do romance coincidem constitutivamente com a situação do mundo”. (LUKÁCS, 2000, p.96). Isso significa que a literatura consegue retratar a realidade na qual certa sociedade vive, descrevendo ou denunciando seus aspectos negativos ou positivos. E segundo Freitas (1989):

Os grandes escritores são capazes de registrar os movimentos difusos no inconsciente de um determinado grupo social e dar significação estética aos seus desejos mais vagos e inconfessados. Mais do que a imagem, a Literatura seria antes o imaginário da História. (FREITAS, 1989, p.115).

Ainda pensando na relação entre a literatura e a realidade, de acordo com Iser (1996), o que realiza o encadeamento entre estes dois fatores é o imaginário. Entretanto, experimentamos este imaginário de forma imprecisa, disforme e sem um referencial

específico que consiga torná-lo objetivo. Mesmo assim, ele é a premissa para suplantar aquilo que já existe e para que se pense no que ainda vai existir.

Por conseguinte, ainda de acordo com Iser (1983), a definição de realidade vai coincidir com a definição de ficção:

A ficção é também uma configuração do imaginário na medida em que, em geral ela sempre se revela como tal. Ela provém do ato de ultrapassar as fronteiras existentes entre o imaginário e o real. Por sua boa forma (*Wohlgeformtheit*), ela adquire predicados de realidade, enquanto, pela elucidação de seu caráter de ficção, guarda os predicados do imaginário. Nela, o real e o imaginário se entrelaçam de tal modo que se estabelecem as condições para a imprescindibilidade constante da interpretação. (ISER, 1983, p.379)

E continua:

Nela (na ficção), sempre se dá a representação de algo. Ao mesmo tempo, porém, por sua ficcionalidade, o que por ela se representa tem apenas a qualidade de um *como se*, que não é idêntico nem ao real, nem ao imaginário; à diferença do imaginário, ele é dotado de forma, e à diferença do real, é irreal. Deste modo a ficção mantém uma diferença entre constante quanto ao imaginário e quanto ao real. Através do *como se* põe-se entre parênteses o representado pela ficção. Este parêntese assim declara que a ficção não representa o representado mas sim a possibilidade de relacionar o representado a outra coisa, diversa da que se dá a conhecer por sua formação verbal. (ISER, 1983, p. 379-380)

Assim, ficção e realidade são formadas do mesmo material imaginário, contudo, de acordo com Pinto (2005) existe uma barreira separando-as, posto que, nessa relação, deve-se levar em consideração os membros envolvidos no grupo social. Isso porque, se a realidade do grupo a ser representado se transforma, há a necessidade de se modificar as representações feitas anteriormente. Portanto, se a realidade é mutável, a ficção e a representação também será.

Dessa maneira, partindo da premissa de que a ficção pode ser compatível com a realidade e que segundo Iser, (1983) a ficção sempre se dará na representação de algo, vale destacar o que é uma representação. Logo, de acordo com Hall (2016):

Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. [...] Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p. 31)

Contudo, ainda segundo Hall (2016), se é através da representação que são demarcados os significados e estes são gerados mediante a linguagem, alguns recursos devem ser destacados para a interpretação dos sentidos apreendidos. Assim, a linguagem visual é um dos aspectos apontados pelo autor que corroboram com a construção dos estereótipos. Também, de acordo com Hall (2016), para que tenhamos uma representação, esta passa por dois processos: um relacionado às correlações de um conjunto de representações mentais que já possuímos e o outro que está associado à linguagem que assegura a presença de um mapa conceitual partilhado, através do qual podemos representar os significados.

No que diz respeito à construção de sentidos, termo relacionado a eles é o signo. Para Hall (2016), os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e juntos, construímos os sistemas de significados da nossa cultura.

De acordo com Bonnici (2012), os escritores pós-coloniais, ao escreverem suas obras, aproveitam a oportunidade para refletir sobre a cultura e sobre o papel social e político dentro da ordem do mundo moderno, representando assim um “discurso das minorias”, conforme atesta Bhabha (2013). E ainda de acordo com esse teórico, essa escrita pós-colonial intervém contra os discursos ideológicos da modernidade, principalmente ao que se refere à modernidade hegemônica do desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades e povos. Sobre essa questão, Bhabha (2013) complementa:

Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, alteridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade. (BHABHA, 2013, p.275)



Essa premissa proposta por Bhabha (2013) corrobora com as palavras de Bonnici (2012), quando este defende que existe uma relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo, posto que, ao se retratar a realidade de uma mulher em um romance, por exemplo, tem-se a oportunidade de desmitificar o discurso da homogeneidade e principalmente a integração da mulher marginalizada à sociedade, já que esta, ainda de acordo com Bonnici (2012) fora duplamente colonizada: por ser negra e por ser mulher.

Partindo desse princípio, é interessante focarmos o nosso olhar na seguinte situação: o que é ser mulher, ser negra e colonizada (ou ter um passado colonial) na Guiné-Bissau? Para responder essa pergunta, os estudos feministas se fazem necessários, sobretudo aqueles que tangem à ideologia do *Africana Womanism*. De acordo com Hudson-Weems (2012), o *Africana Womanism* é “uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana. Baseia-se na cultura africana, e, portanto, necessariamente incide sobre as experiências únicas, lutas, necessidades e desejos das mulheres africanas.” (HUDSON-WEEMS, 2012, p.4). Assim, os preceitos dessa ideologia estão baseados na cosmologia africana e seu principal diferencial do feminismo ocidental, de acordo com Hudson-Weems (2012), é que ele é baseado na família, enquanto o “feminismo-branco” é centrado na fêmea/mulher. Logo, suas prioridades são a raça, a classe e gênero, enquanto o feminismo ocidental se concentra somente na questão de gênero. O *Africana Womanism* presa pelo empoderamento da raça negra, enquanto o feminismo ocidental se esforça pelo empoderamento da mulher.

Em seu texto, Hudson-Weems (2012) cita a feminista Bettina Aptheker (1981), em que esta analisa de forma objetiva as diferenças básicas entre as mulheres negras e brancas, no que tange ao feminismo:

Quando colocamos as mulheres no centro de nosso pensamento, constituímos a criação de uma matriz histórica e cultural a partir da qual as mulheres podem reivindicar autonomia e independência sobre suas próprias vidas. Para mulheres de cor, tal autonomia não pode ser conseguida em condições de opressão racial e de genocídio cultural. Em suma, “feminismo”, no sentido moderno, significa empoderamento das mulheres. Para as mulheres de cor, tal igualdade, enquanto poder, não pode ocorrer a menos que as comunidades em que vivem possam estabelecer com sucesso sua própria integridade racial e cultural. (APTHEKER, 1981, p.19).

Logo, observando as peculiaridades existentes na ideologia no feminismo africano, temos como proposta perceber se as personagens femininas analisadas nas obras *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006), do escritor Abdulai Sila, apresentam, na forma que foram retratadas, alguns traços que remetam a essa ideologia.

Abdulai Sila, engenheiro e primeiro romancista guineense, revela em seus romances o compromisso de expor para seu leitor a realidade social da Guiné-Bissau. O que corrobora com a visão de Augel (2007), que classifica a escrita de Sila como uma “metonímia da nação” (AUGEL, 2007, p.303). E essa não seria uma exclusividade somente de Sila, pois ainda de acordo com a pesquisadora: “a produção literária contemporânea da Guiné-Bissau reflete, na sua variedade e de forma muito especial, os anseios e as preocupações da elite intelectual urbana, sobretudo na fase histórica atual do país. (AUGEL, 1998, p.19). E de acordo com Dutra (2010):

[...] sua escrita mantém um olhar atento sobre o tempo e sua ação formadora, de modo que os diversos momentos da história pessoal de suas personagens servem como representação de outros tantos níveis para a compreensão do mundo e de si mesmo. A dimensão histórica do tempo é interiorizada, e mais importante do que o desenrolar da narrativa é o processo em que se regula a vida, sobretudo quando confrontado com a rigidez de propósitos e certezas que norteiam suas personagens. (DUTRA, 2010, p.121).

Ainda de acordo com Augel (2007), os dois romances se desenvolvem em tempos e espaços distintos: em *A Última Tragédia* (2006), a ação se situa na época colonial e as referências espaciais remetem a Bissau, Quinhamel, Biombo e Catió, localidades pertencentes a Guiné-Bissau. Já em *Eterna Paixão* (2002), a trama estrutura-se durante a época da pós-independência, em um país africano não especificado. Contudo, na primeira parte da história, devido às referências citadas, percebemos que o protagonista se encontra nos Estados Unidos e na segunda parte do romance, na África.

Em *A Última Tragédia* (2006), temos a história de Ndani, uma adolescente africana de 13 anos (a trama perpassa sobre a sua vida enquanto jovem e adulta), que foge da sua aldeia para viver na cidade grande (Bissau) por não aguentar mais o rótulo de ser maldiçoada por um espírito que sempre lhe traria infelicidade. Estando em Bissau, segue o destino de



todas as meninas negras: emprega-se como criada na casa de uma família branca portuguesa, que lhe impõe a sua língua, a sua religião, a sua cultura (ao ponto trocaram seu nome: de Ndani, considerado comunista, para Daniela, nome português). E por fim, acaba sendo violada pelo seu patrão. No decorrer da história, ela passa por outras situações: torna-se a sexta esposa do Régulo (em um casamento forçado), como também se converte em uma mulher adulta, instruída (já que fora alfabetizada) e que resolve assumir o seu amor pelo Professor, contudo, essa atitude lhe custa muito caro e ela acaba não tendo um final feliz, o que corrobora com a maldição imposta pelo feiticeiro de sua aldeia.

Já em *Eterna Paixão* (2002), o livro narra as vivências do afro-americano Daniel Baldwin, que depois de se formar em engenharia agrônoma, casa-se com Ruth (jovem africana que fora estudar economia nos Estados Unidos). Daniel emigra para um país africano, cujo nome não é revelado, após compreender e defender as ideias pan-africanistas de Marcus Garvey. Assim, tem como meta contribuir (com seu conhecimento de agrônomo) para que o país no qual adotou como nova pátria, se desenvolva, já que esta não era mais colônia de Portugal.

Tanto Daniel quanto Ruth possuíam cargos de destaque no governo e tinham uma boa situação financeira. Apesar da estabilidade econômica que tinham, a vida conjugal do casal não ia bem, principalmente porque Ruth (que antes era tão idealista como ele), deixou-se corromper pelo capitalismo, participando de atos ilegais em troca de dinheiro e status social. Assim, Daniel e Ruth começaram a seguir um caminho inverso: enquanto ele cada vez aproxima-se da cultura africana autóctone, ela se aproximava dos padrões ocidentais e ignorava por completo as tradições africanas.

Entrelaçada à vida de Daniel e Ruth, temos a personagem Mbubi. Esta, apesar de transitar pelo mundo ocidental (trabalhando como doméstica nas casas da elite burguesa local), mantém-se fiel às suas origens culturais, como por exemplo, participando das cerimônias do seu povo.

No que tange especificamente aos personagens femininos que serão analisados nesta pesquisa Ruth e Mbubi, de *Eterna Paixão* (2002) e Ndani, de *A Última Tragédia* (2006), nota-se que elas se apresentam como africanas que não simbolizam a imagem da mulher colonizada submissa e rejeitam o rótulo de meros objetos, ou seja, elas não são retratadas

conforme os clichês que generalizam a imagem da mulher africana. Vale destacar que estas personagens conciliam a herança e/ou influência da cultura portuguesa (sendo imposta, absorvida naturalmente ou por livre escolha) com suas raízes africanas e assim, na mescla dessas duas culturas, teríamos uma “nova africana guineense”: aquela que não está presa totalmente na sua cultura ancestral porque absorveu características da cultura portuguesa, como também abandona alguns traços da sua cultura autóctone posto que esta já não se encaixa na sua atual conjectura de vida.

Dessa forma, como são simbolizadas as mulheres na sociedade guineense? Em que consiste os preceitos do Africana Womanism, de Cleonora Hudson-Weems? Poderíamos afirmar que as representações das personagens femininas a serem estudadas apresentam traços ideológicos do Africana Womanism? Portanto, a pretensão é tentar responder as perguntas supracitadas, tentando estabelecer relações entre representação/gênero/classe/raça.

Através da análise da representação dessas personagens femininas, esta pesquisa procura contribuir para o campo dos estudos sobre as mulheres africanas, ainda pouco discutido no meio acadêmico, assim como expandir os conhecimentos sobre o feminismo africano, e dessa forma, demonstrar se as representações expostas nas obras literárias supracitadas corroboram com a realidade.

A pesquisa está em andamento, e atualmente, nos encontramos da fase de escrita do capítulo dois, que traz um panorama sobre as mulheres na sociedade guineense, abordando questões tais como o trabalho, a família, o casamento, a maternidade, a participação no processo de independência do país, a proteção social, a participação política, a educação e a violência. O capítulo três refere-se às alternativas africanas para o feminismo ocidental, particularizando a ideologia do Africana Womanism e o último capítulo discorrerá sobre as representações femininas nas duas obras analisadas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

APTHEKER, Bettina. *Strong is what we make each the others: unlearning racism within women's studies*. *Women's Studies Quarterly*, 1:4 (winter), 1981.

- AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- \_\_\_\_\_. Na voz do outro. A representação da mulher guineense pela perspectiva masculina. In: SILVA, Fábio Mário da (Org.). *O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa*. Lisboa: CLEPUL, 2014. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/001827977b7a38997963a> Acesso em 14/11/2016.
- BARROS, Miguel de. *Percepções sobre a intimidade e o corpo feminino na literatura poética da Guiné-Bissau*. 2013. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/corpo/percecoes-sobre-a-intimidade-e-o-corpo-feminino-na-literatura-poetica-da-guine-bissau> Acesso em 14/01/2017.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.
- BEZERRA, Rosilda Alves. Resistência, identidade e memória em A Última Tragédia, de Abdulai Sila, As Mulheres de meu Pai e O vendedor de Pássaros, de Agualusa. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, Jul/2011, p.10 Disponível em: <http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0042-1.pdf> acesso em 15/11/2016.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2012.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: A personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CARSOSO, Sebastião Marques. Cultura e utopia em Abdulai Sila: uma leitura de Eterna Paixão. *Polifonia*, Cuiabá, v.20, n.28, 2013. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/294> acesso em 14/12/2016.
- CASTRO, Sandra de Pádua. O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional. In: *Leituras transdisciplinares de telas e textos*, Belo Horizonte, v.3, n.5, p.53-60, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/9565/8406> acesso em 09/03/2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Zuleide. Ndani a tamar africana, considerações em torno da Última Tragédia, de Abdulai Sila. *Conexão Letras*. Porto Alegre, v. 7, n.8, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55446/33708> Acesso em 14/12/2016.

DUTRA, Robson. O romance guineense e a redenção do Presente. In: SECCO, Carmen Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *Áfricas, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/UEA, 2010.

DYER, Richard. *Gays and Film*. Londres: British Film Institute, 1977.

FREITAS, Maria Teresa de. Romance e história. *Uniletras*, Ponta Grossa, n. 11, p. 109-118, 1989. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras> Acesso em 14/12/2016.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GUERRA, Lucía. *La mujer fragmentada: historias de un signo*. Chile: Editorial Cuarto Propio, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cultura e representação*. Tradução Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Tradução de Beatriz Turquetti *et al.* São Paulo: Ática; Paris: Unesco, v.1, 1982.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinvenición de la naturaleza*. Madrid: Cátedra, 1995.

\_\_\_\_\_. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, Jan./Jun. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100009&script=sci_arttext) Acesso em 14/12/2016.



HOLLANDA, Heloisa Buarque Org. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUDSSON-WEEMS, Clenora. Mulherismo africano e a necessidade crítica do pensamento pela teoria africana. *The Journal Ocidental de estudos Negros*, 21,2. P.79-84, 1997. Disponível em: [file:///C:/Users/lucie\\_000/Downloads/Cleonora%20Hudson%20-%20Mulherismo%20Africano%20e%20a%20necessidade%20cr%C3%ADtica%20do%20pensamento%20pela%20a%20teoria%20africana.pdf](file:///C:/Users/lucie_000/Downloads/Cleonora%20Hudson%20-%20Mulherismo%20Africano%20e%20a%20necessidade%20cr%C3%ADtica%20do%20pensamento%20pela%20a%20teoria%20africana.pdf) Acesso em 13/01/17

\_\_\_\_\_. *Africana Womanism – O outro lado da moeda*. Trad. Naiana Sundjata. 2012. Disponível em: <https://quilombouniapp.wordpress.com/2012/03/22/africana-womanism-o-outro-lado-da-moeda/> acesso em 15/01/2017

KEHL, Maria Rita. *Descolamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual: O imaginário e os conceitos-chaves da época. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Volume 2. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

\_\_\_\_\_. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

LUDMER, Josefina. El espejo universal y la perversión de la fórmula. In: RICHARD, Nelly. *Masculino/feminino: práticas de la diferencia y cultura democrática*. Santiago: Francisco Zegers Editor, 1993, p.275/276.

LUKÁCS, György. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Orgs). *Mulher na África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Ed. Colibri, 2007.

PEREIRA, A. S. *Conflitos identitários em a Última Tragédia, de Abdulai Sila*. 2010. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/1406?mode=full> Acesso em 16/12/2016.

PETERSEN, K.H. First things first: problems of a feminist approach to African Literature. In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995, p.251-254.





PINTO, Marcelo de Oliveira. A escrita de histórias e a questão da realidade. In: *SOLETRAS*, Ano V, N° 09. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2005 Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4532/3308> Acesso em 09/03/2017.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas – Arte, Cultura, Gênero e Política*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editores UFMG, 2002.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *Áfricas, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/UEA, 2010.

SEMEDO, Odete. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literaturas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILA, Abdulai. Eterna Paixão. In: *Mistida (trilogia)*. Praia -Mindelo: Centro Cultural Português, 2002

\_\_\_\_\_. *A Última Tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Fábio Mário da (org.). *O Feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa*. Lisboa: CLEPUL, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WALKER, Alice. *Rompendo o Silêncio: Uma poeta diante do horror em Ruanda, no Congo e na Palestina/Israel*. Trad. Ana Resende. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2011